

O Brasil ateia fogo às vestes florestais

A floresta de árvores calcinadas que Frans Krajcberg expõe no MAM do Rio exprime protesto contra queimadas

Darcy Cardoso - 29.mai.92



Árvores calcinadas da exposição "Imagens do Fogo", do artista plástico Frans Krajcberg, que está instalada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

ANTONIO CALLADO
Colunista da Folha

Queimada no Brasil é feito corrupção: sempre se falou mal de uma e de outra mas ninguém consegue que o país pare de se queimar e de se corromper. A primeira queimada que eu vi, das grandes, foi na margem do Amazonas, quando eu subia o rio num gaiola, há muitos e muitos anos. O gaiola parou para se abastecer de lenha num pequeno porto chamado Liverpool e nós passageiros saímos para dar uma volta. A queimada era uma abertura de pasto, acho eu, e o fogo já ia baixo quando o avistamos: cinza no chão, meio branca, troncos pretos e fumegantes que nem pareciam mais árvores. Tive logo idéia de interromper aquele passeio a uma campina de brasas e tições e voltar ao gaiola, mesmo porque o calor do mato queimado aumentava o calorão que fazia em toda parte, mas que era bem mais suportável para quem ficasse se balançando numa rede ao convés do vapor. Só me aproximei mais e mais, até sentir o calor do chão me varando a sola do sapato, porque no centro, por assim dizer, da queimada, uma árvore derrubada pelo fogo tinha tombado para um lado entre os galhos de outra, maior, e agora, descarnadas as duas de folhas, formavam uma Pietá.

A imagem me voltou com força à lembrança quando entrei dias atrás na floresta de árvores calcinadas que Frans Krajcberg mostrou no Museu de Arte Moderna do Rio. Mondrian foi pintando árvores cada vez mais simplificadas, esquemáticas, e afinal se despojou tanto de tudo que acabou por tirar um "a" do próprio nome, que era originalmente Mondriaan. E chegou aos seus quadrados, luminosos, vibrantes de cor, mas quadrados. Krajcberg, que tem horror ao quadrado, foi dando as costas à arte corrente, ao quadro de cavalete e às esculturas de salão, e chegou, afinal, ao seu material artístico e seu tema, a árvore. Arborícula ele próprio, pois fez sua casa em cima de uma árvore na Bahia, usa árvores para exprimir seu amor por elas. Esculpe, fotografa, faz painéis de árvores. Um desses painéis, colocado no recinto da exposição, diante da floresta calcinada, é de madeira vermelha e parece estar pegando fogo. Três vídeos são exibidos ali, dirigidos respectivamente por Aluísio Didier, Marina Blandini e Waltinho Moreira Sales, e quando me detive um instante diante da tela deparei com Krajcberg na mata, trabalhando, falando, invectivando como uma profeta contra o incessante incêndio de florestas no Brasil. Maçarico aceso na mão, cavando, moldando, tisanando ou

esbranquiçando árvores derrubadas para transformá-las em esculturas, enquanto ao mesmo tempo nos vai falando, da tela, contra as queimadas, Krajcberg parece um piromaniaco em guerra contra o fogo. Sua exposição, aliás, se chama "Imagens do Fogo". É dedicada, em grandes letras que pintou numa tora de madeira, "a Chico Mendes", e de pronto a gente sente que Chico Mendes foi ceifado do meio dos vivos como a

madeira calcinada recolhida no campo. Minha obra é um manifesto. Minha mensagem é clara: eu mostro o crime. Exprimo a consciência do planeta revoltado. Não procuro fazer escultura: procuro formas para o meu grito".

Além de sofrer com a natureza, a ponto de dizer que "esta casca de árvore queimada sou eu", Krajcberg compartilha ainda as penas daqueles que por ela sofrem, ou sofreram, tanto os márti-

Já conversou a respeito com cientistas que trabalharam com Cousteau na Amazônia, mas ainda não encontrou patrocinador.

★

Um sonho que Krajcberg não viu realizado foi o de formar uma comunidade de artistas, artesãos e intelectuais na sua querida Nova Viçosa. Polonês de nascimento, com longas e fecundas estadas em Paris, brasileiro naturalizado e cidadão honorário da cidade do Rio, ele realmente chegou ao ápice do seu desenvolvimento artístico em Nova Viçosa. A ideia da comunidade foi dele e do arquiteto Mario Zanini quando conversavam, vejam só, no café dos Deux Magots, em Saint-Germain-des-Prés. Grande amigo meu, e de Zanini, o falecido jornalista Darwin Brandão me falou, nos anos 60, no sonho então em circulação: a compra de alguma terra em Nova Viçosa, isto é, na "utopia" de Krajcberg. Acabou não indo ninguém. Krajcberg subiu sozinho na sua árvore e ficou.

Na Europa e nos Estados Unidos houve várias tentativas de estabelecer comunidades desse tipo, que são, em essência, tentativas de fundar o mundo de novo. Algumas receberam nomes terríveis, como os falanstérios socialistas de Fourier ou a pantisocracia dos poetas Coleridge e Southey. A pantisocracia devia ser fundada nas selváticas solidões dos Estados Unidos, mas não pegou nun-

ca. As família Coleridge e Southey acabaram morando juntas em Greta Hall, na Inglaterra mesmo, e Southey, que era mau poeta, teve sossego para acabar seu melhor livro, a "História do Brasil".

Na minha opinião, a mais extraordinária dessas comunidades, todas efêmeras, foi a de Oneida, Estado de Nova York, fundada em meados do século passado por John Humphrey Noyes, autor de um livro chamado "Continência Masculina". O livro se propunha ensinar os homens a fazerem amor sem ejaculação. Não se tratava de "coitus interruptus" e sim, ao contrário, de uma espécie de coito interminável, transformado em íntima carícia, carinho. A Enciclopédia Britânica fala nas experiências de Oneida mas de forma distante, pudica. Quem delas se ocupou a fundo foi Aldous Huxley, em "Adonis e o Alfabeto". Noyes partia da constatação de que os órgãos sexuais não têm apenas função urinária e reprodutiva. Têm ainda e sobretudo a função amorosa, à qual sempre se prestou pouca atenção, sobretudo no Ocidente. Se estivesse escrevendo nos dias de hoje Noyes provavelmente concluiria, melancólico, que em matéria amorosa passamos da ignorância à depravação, sem passar pela fase do prazer prolongado e sábio. Mas fique isto para os especialistas. E para Folhateen.

Chico Mendes foi ceifado do meio dos vivos como a árvore maior do meio da floresta

árvore maior do meio da floresta. A procura artística de Krajcberg é absoluta, segundo palavras suas: "Eu não busco a paisagem e sim a matéria de que ela é feita". Em longo colóquio com o artista em Nova Viçosa, Marie-Odile Briot anotou muito de Krajcberg pensando em si mesmo: "Eu queria romper o quadrado, sair da moldura. Criança alguma desenha um quadrado antes que lhe seja ensinado. O gesto absoluto seria descarregar numa exposição, sem tirar nem pôr, um caminho de

res como Chico Mendes, que é feito uma árvore derrubada pelo raio, como os azarados, os caiporras, como Alexandre Rodrigues Ferreira. Outro dia o relembrei aqui, o sábio baiano que as serviço do rei de Portugal fez à Amazônia sua penosa Viagem Filosófica, que durou de 1783 a 1792, e que depois não teve sequer seus trabalhos publicados. Pois Krajcberg sonha com o que chama seu Projeto Amazonense, que é simplesmente o de refazer os passos de Alexandre Rodrigues Ferreira.